

UnB produz material para artes plásticas

CORREIO BRAZILIENSE

27 OUT 1985

27 OUT 1985

Imagine se você pudesse fazer seu próprio papel para usar em trabalhos de artes plásticas. Criar as mais variadas cores para tingir tecidos ou pintar telas. Fazer seu lápis de cera, lápis pastel, pincel e até sua própria maquiagem. Isto tudo usando somente técnicas alternativas e matérias-primas gratuitas como grama seca, cascas de árvores e polpa de flores. Este é o trabalho que está sendo desenvolvido hoje pelo Laboratório Experimental de Material Expressivo do Departamento de Educação Artística da Universidade de Brasília.

Tudo isso já pode ser confeccionado a custo praticamente zero. A UnB está oferecendo este trabalho ao Plano Nacional de Desenvolvimento Artesanal (PNDIA), como forma de criar tecnologias para auxiliar os artesãos na confecção de seus produtos. Este pode ser o começo da solução de um dos principais problemas da profissão hoje em dia: a aquisição de matéria-prima. E, como estas atividades são supervisionadas por especialistas no assunto, a produção segue um controle de qualidade desenvolvido ao longo de anos pelos alunos e professores da UnB.

A prova mais recente do perfeito funcionamento do laboratório experimental da UnB foi a execução de 600 convites, com a confecção de 100 folhas de papel natural por hora, para a exposição "O Cerrado e sua Identidade Artesanal" que está sendo mostrada no Palácio do Buriti. Os outros materiais estão também expostos no Departamento de Educação Artística da UnB, numa promoção aberta ao público.

"A educação hoje tem que ser prática, objetiva, direta. Nossa intenção é chegar a produzir todo o material que a universida-

de utiliza no departamento e, se chegar a uma escala industrial, fornecer a tecnologia às escolas", explica a professora Zuleica Medeiros, responsável pela disciplina Análise e Exercícios de Materiais Expressivos. Outra ideia de Zuleica é realizar, se possível no próximo ano, cursos de extensão sobre o assunto, para que não só a comunidade universitária tenha acesso às técnicas.

Com a democratização da UnB, o laboratório experimental está abrindo suas portas à comunidade, tanto no sentido de receber informações de pessoas que já trabalham com materiais alternativos quanto a artesãos que desejam confeccionar sua matéria-prima. Informações a este respeito podem ser obtidas com a própria Zuleica, para quem os processos são de fácil aprendizagem. Na verdade, o laboratório da UnB é muito simples: possui um fogareiro de tijolos ao ar livre e uma sala com mesas, tanques, muitas latas e bacias grandes, um liquidificador doméstico e uma prensa.

MATERIAIS UTILIZADOS

Na produção de papéis são utilizados desde grama seca e partes de eucaliptos e bananeiras até cana-de-açúcar e palha de milho. Sem contar com o reaproveitamento de impressos e jornais velhos. Os pincéis, dos mais variados tipos e tamanhos, são feitos com cabelos humanos e pêlos de animais. "Meus alunos todos têm cabelos curtos", ironiza Zuleica. O carvão, utilizado para desenho, é feito com galhos de goliabeira.

As tintas, que podem ser aquarela, guache, tinta óleo, tinta acrílica e até nanquim (cuja receita é apenas goma arábica, glicerina, água e o pigmento preto), são extraídas de

flores de buguenville, de massa de tomate caseira, iodo, semente de urucum, amora, mercúrio etc. Até a conhecida massa de modelar ou massa para a confecção de trabalhos artesanais pode ser feita: com massa de pão velho ou capim e grama, tingida com a cor desejada. "Isto é muito melhor do que utilizar Durepox, que além de ser tóxico é caro", completa Zuleica. Ela informa ainda que estes materiais são submetidos a controle de alergia.

SERVIÇOS

Os serviços prestados pela UnB a artesãos de Brasília e de outras cidades vão desde o fornecimento de tecnologia para a produção de matéria-prima até a pesquisa no controle de qualidade. "Tem uma palha usada pelos artesãos que possui um fungo resistente e eles não conseguem acabar com ele. Ai eles mandam o material para a gente e nós pesquisamos. Outro exemplo é a exportação da flor do cerrado, que nunca fica inteira por muito tempo, além de exportar diversos micróbios. Neste caso estamos estudando materiais que possam conservar a flor e matar os micróbios", explica a professora.

Trabalhos semelhantes estão sendo realizados para a Associação de Artesãos de Olhos D'Água, município de Goiás. Volta e meia a associação manda algum tipo de material para que a UnB faça controle de qualidade e devolva acompanhado da tecnologia aplicada. "Lá os alunos da UnB fizeram um trabalho no sentido de resgatar informações preciosas das velhinhas que fazem artesanato e já estavam sendo esquecidas. Hoje as próprias artesãs montaram uma escola onde passam seus conhecimentos às crianças", diz Zuleica.